

CORPOS DIFERENCIADOS E A INSTAURAÇÃO DA ACESSIBILIDADE EM CENA

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Fundador, diretor e pesquisador do Centro Internacional de Pesquisas Artísticas e Acadêmicas sobre Antonin Artaud. Performer. Pós-doutor pela Universidade de São Paulo, sob a supervisão da Profa. Dra. Elisabeth Silva Lopes. Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: fhmoal@hotmail.com

Maria Carolina Monteiro Oliveira

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas e Graduanda em Letras-Inglês pela UNINASSAU. E-mail: mcmo-al@hotmail.com





RESUMO

O artigo pretende discutir sobre o processo de instauração da acessibilidade em diferentes contextos. No contexto cênico, o artigo discute sobre a presença de artistas brasileiros com corpos diferenciados em cena e como denunciam através da arte o processo de exclusão tanto na sociedade quanto na arte.

Palavras-chave: Corpos diferenciados; Acessibilidade; Cena.

CORPOS DIFERENCIADOS E A INSTAURAÇÃO DA ACESSIBILIDADE EM CENA

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Maria Carolina Monteiro Oliveira

A acessibilidade também se resvala no uso de termos que não estigmatizam as pessoas. Neste contexto, percebemos que o termo corpos diferenciados cunhado pelo Prof. Dr. Felipe Monteiro e pela Profa. Dra. Nara Salles para denominar as pessoas que têm alguma deficiência não carrega qualquer tipo de preconceito. O termo corpos diferenciados não acolhe os modelos médicos e sociais da deficiência: o primeiro tenta descobrir as causas da deficiência da pessoa e tenta, através de intervenções médicas, normalizá-las e torná-las socialmente aceitáveis; o modelo social cria barreiras que dificultam a vida desses sujeitos na sociedade.

Percebemos que a acessibilidade tenta possibilitar para todos, o acesso aos meios, que na maioria das vezes, são cobertos por barreiras em diferentes contextos. No Brasil, a partir da redemocratização no fim da década de 1980, é possível ver algumas tentativas para integrar as pessoas com corpos diferenciados, isto porque o Artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil promulgada em 1988 passa a assegurar o seguinte princípio para todos os cidadãos: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” (BRASIL, 1988, s. p.).

Até então a sociedade integrava os indivíduos com corpos diferenciados, ou seja, eles estavam no espaço-tempo, mas não exerciam sua autonomia. Ao contrário da integração, a inclusão torna o indivíduo autônomo e oferece subsídios para o exercício da cidadania. Não é de se estranhar que a inclusão sofreu e ainda sofre fortes resistências para não exercer suas funções, e isto é evidenciado principalmente na educação.

Na linha do tempo da educação no Brasil, até a segunda metade do século XX, os sujeitos com corpos diferenciados não eram considerados aprendizes, mas apenas receptáculos do que era ensinado em sala de aula. Os alunos com corpos diferenciados eram segregados e estudavam em escolas especiais, pois suas deficiências eram consideradas como empecilhos para as escolas regulares. Posteriormente, devido às críticas, as pessoas com corpos diferenciados passaram a ser integrados nas escolas regulares, mas a exclusão persistia. Não aconteciam as mudanças ou adequações arquitetônicas e atitudinais

necessárias para se estabelecer um satisfatório processo educativo. Mas com o passar do tempo e o surgimento de leis que garantiam a inclusão, os gestores se viram obrigados a reconhecer e aceitar, mesmo compulsoriamente, a individualidade e a diversidade dos seres humanos no âmbito educacional.

Não há mais espaço para a segregação e a exclusão, como acontecia na educação especial. Todos os alunos passam a ser considerados especiais, até mesmo àqueles que não possuem nenhum tipo de deficiência. A educação não é homogênea, mas se configura como um processo de ensino-aprendizagem heterogêneo que leva em consideração as potencialidades e as dificuldades de cada aluno. Se ainda existem barreiras atitudinais e arquitetônicas, estas devem ser demolidas, pois existem leis federais que subsidiam a acessibilidade em diferentes contextos. Todos devem participar.

Em 2015, o Congresso Nacional decretou e a Presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei nº 13.146/2015, mais conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Tal dispositivo jurídico passa a ser considerado um marco na história das pessoas com corpos diferenciados no Brasil, visto que se destina a obrigação de promover e assegurar, sob os princípios da equidade, os direitos e as liberdades fundamentais da pessoa com corpo diferenciado, perfazendo assim na disposição integral do exercício da cidadania e da inclusão destes indivíduos em sociedade.

No que compete à acessibilidade, nos termos da Lei nº 13.146/2015, o artigo 42 assegura a pessoa com corpo diferenciado o direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer o acesso em igualdade de oportunidade aos bens culturais em formato acessível, aos espaços e as atividades artísticas, culturais e desportivas. No Brasil, a presença em cena de artistas com corpos diferenciados ainda é muito esporádica, e quando há vemos uma imensa ligação de artistas com corpos diferenciados com a dança, como é o caso de Eduardo Oliveira, vulgo Edu O. e Marcos Abranches.

Nascido em Salvador, mas residindo em Santo Amaro da Purificação até completar 18 anos, o baiano Edu O. teve poliomielite durante seu primeiro ano e devido às sequelas da doença ficou paraplégico, e se desloca através de uma cadeira de rodas. Em sua adolescência mudou-se para a capital baiana e se graduou em artes plásticas pela Escola de Belas Artes da UFBA, com especialização em Arteterapia, Mestrado em Dança e é Doutorando do Doutorado Multiinstitucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da UFBA. Atualmente Edu O. é professor efetivo da Escola de Dança da UFBA.

Estudou alguns cursos de teatro e dança na mesma instituição de ensino superior, enveredando nesta linguagem até os dias atuais como diretor e intérprete-criador do Grupo X de Improvisação em Dança da Escola de Dança da UFBA. Tem ganhado prêmios e se apresentado em diferentes cidades brasileiras e em diversos países ao redor do mundo, inclusive dançou no grupo britânico Candoco Dance Company. Paralelamente, Edu O.

realizou algumas performances: *Judite quer chorar, mas não consegue!* (2006), *Odete, traga meus mortos* (2010), *O Corpo Perturbador* (2010) e *Ah, se eu fosse Marilyn!* (2010).

Em *Judite quer chorar, mas não consegue!* (2006) Edu O. performa algumas situações autobiográficas que retratam de forma lírica suas pessoais vivências solitárias e a imensidão da solidão do ser humano contemporâneo, além de expor de forma lúdica e singular as transformações e as metáforas relacionadas às resistências e às mudanças decorrentes de diferentes experiências vividas.

Em relação ao título da performance, Judite é uma lagarta que habita nas folhas da planta comigo-ninguém-pode e não quer se transformar em borboleta, não quer ser diferente das demais de sua espécie. Ela apenas não consegue ser como as outras, o que, inclusive, é o ponto central da performance: a não adequação aos padrões, o desejo de não seguir o que já está estipulado como sua condição e também o ato de interrogar o tempo individual de amadurecimento, de não se enquadrar. Com isso, Edu O. reafirma sua vontade de seguir experimentando as particularidades corporais do seu corpo diferenciado no lugar de reproduzir fielmente as técnicas de dança dirigidas a um corpo considerado perfeito.

Figura 1 – Judite quer chorar, mas não consegue!



Foto: Célia Aguiar.

#Descrevipravocê

Fotografia colorida, em formato paisagem, de um artista, que está no centro da imagem, dentro de uma iluminação circular. O artista está no chão, com os braços esticados e com as mãos apoiando o chão; usa um figurino na parte superior do quadril, cobrindo tórax e cabeça; na parte inferior, uma grande saia cobre as pernas.

Edu O. em *Odete, traga meus mortos* (2010) se baseou em um fato vivido durante sua estadia em uma casa de família na França, na qual a dona da casa sempre depois das refeições solicitava à empregada doméstica o jornal do dia, pois seu entretenimento era

ler a parte referente ao obituário. A vontade da senhora era saber quem morreu, para assim projetar e exigir de seus parentes a execução de seus desejos mórbidos, entretanto esse ato não era triste visto que servia para relembrar as passagens felizes de seus rituais vividos. Performaticamente, Edu O. em cocriação com Lucas Valentim transformou esse fato funesto em um diálogo cênico cujo objetivo era trazer à tona memórias residuais de todos os participantes durante o acontecimento artístico.

Figura 2 – Odete, traga meus mortos



Foto: Alessandra Nohvais.

#Descrevipravocê

Fotografia colorida, em formato paisagem, Edu O. usa camisa vermelha, com calça roxa e tênis all star; sentado no chão há vários objetos como canecas, xícaras, pote de açúcar e uma bota de borracha, todos próximos ao seu corpo.

Em princípio *O Corpo Perturbador* (2010) foi pensada para ocupar os espaços abertos e, posteriormente, adequada aos espaços fechados. Edu O. em um duo criado com o artista chamado Meia Lua, expõe as representações do corpo que tem algum tipo de deficiência na sociedade e por meio de uma forma escancarada aponta para a pessoa com deficiência como sujeito do desejo, que sente e provoca desejo, trazendo pontos de aproximação com os jogos de poder, com submissão, exclusão, ampliando o discurso para as esferas política, social e religiosa no que concerne às práticas sexuais das pessoas com corpos diferenciados. Para alcançar tal propósito, Edu O. se debruça na figura do *devotee*, indivíduos que tem fetiche por pessoas com deficiência.

Figura 3 – O Corpo Perturbador



Foto: Ana Luiza Reis.

#Descrevipravocê

Fotografia colorida, em formato paisagem, dois artistas estão na imagem, em espaço aberto com árvores e uma estrutura de cenário com bastões e cordas. Um artista está deitado no chão, com o braço esticado, segurando o outro artista, que está com os braços abertos. Ambos estão sem camisa e usando uma bermuda preta. Ao fundo algumas pessoas assistindo.

Ah, se eu fosse Marilyn! (2010) é uma performance que acontece no espaço urbano, especialmente nas praias de Salvador. Edu O. se traveste de Marilyn Monroe, fica enterrado de areia até a cintura e realiza as atividades da vida diária, como ler, se embelezar, dentre outras. O principal objetivo desta performance é propor a reflexão sobre a passagem do tempo, tanto o cronológico quanto o vivido.

Figura 4 – Ah, se eu fosse Marilyn!



Foto: Tiago Lima.

#Descrevipravocê

Fotografia colorida, em formato paisagem, Edu O. está na praia, usando uma peruca loira, com uma camisa de botão verde e alguns objetos próximos a ele. Está de olhos fechados e fazendo um biquinho com a boca. Ao fundo, está o mar e dois homens caminhando.

Marcos Abranches é um performer paulista que vem sendo ao longo dos anos reconhecido por artistas e pela crítica por seu engajamento estético em levar para cena a diversidade artística das pessoas com corpos diferenciados. Abranches tem paralisia cerebral e por consequência da patologia apresenta sequelas na fala e nos movimentos involuntários, intermitentes e irregulares em todo seu corpo, decorrentes da coreoatetose¹. O performer enveredou no paradigma das artes pelo convite em se apresentar em espetáculos dirigidos e coreografados por Sandro Borelli. Também se apresentou em alguns países estrangeiros, em especial na Alemanha.

A arte de Abranches é um retrato verdadeiro de um artista que não aceita ser enquadrado nas fronteiras da deficiência, posto que busca através da sua diferenciação corporal, a criação de um processo de estudos que valoriza a presença física do corpo diferenciado em cena e não apenas a exibição da deficiência. Nesse contexto, Abranches performou *Corpo Sobre Tela* (2014), performance que é inspirada na vida e na arte do artista irlandês Francis Bacon.

Em seu *blog*, Abranches explica o porquê da produção da performance *Corpo Sobre Tela*:

Sou livre para o silêncio das formas, das cores na riqueza de pintar uma obra. As cores são vida. Podemos ser mais coloridos na forma de pensar. O mundo ainda está

¹ Desordem nervosa caracterizada por movimentos involuntários e incontroláveis.

muito escuro pelo lado negativo do pensamento de cada um, todos nós podemos colorir a maneira de pensar e, ser mais felizes, pois somos a própria arte. Nossa sociedade, por falta de conhecimento, trata o deficiente como um coitado. Se eu fosse me basear nesse tipo de pensamento, não colocaria meus pés para fora de casa. No meu espaço, não há sofrimento. (CIA VIDANÇA, 2018)

Figura 5 – Corpo Sobre Tela



Foto: Catarina Santos.

#Descrevipravocê

Fotografia colorida, em formato paisagem, de um artista pintado de várias cores sobre uma tela. O artista está com o corpo pintado, o rosto está com uma expressão forte, com a boca aberta aludindo um grito e olhos fechados; segurando a tela por trás de sua cabeça.

Pensamos que para a acessibilidade acontecer, os sujeitos com corpos diferenciados não devem ser conduzidos como se fossem meros fantoches da sociedade e daqueles que desejam prescrever o que e como deve ser feito na arte. Os corpos diferenciados em cena, como Edu O. e Marcos Abranches, precisam antes de qualquer coisa serem reconhecidos simplesmente como seres humanos, visto que as suas deficiências fazem parte das suas vidas. Os artistas com corpos diferenciados carregam consigo suas deficiências em suas trajetórias na vida e na arte e reafirmam que devemos buscar através da acessibilidade cultural as cenas que potencializam as diferenças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

CIA VIDANÇA de Marcos Abranches. Dança a Inclusão Arte e Vida. Release. Disponível em: <http://marcosabranches-vidanca.blogspot.com.br/>. Acesso em: 18 fev. 2018.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1981.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LEHMANN, Hans-Thies. Esthetics of resistance, esthetics of revolt. **Pitágoras 500**, Campinas, SP, v. 6, n. 6, 2014, p. 58-74.

OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro. **Subjetividade(s) e(m) Performance**: corpo, diferença e ativismo. Curitiba: CRV, 2019.

OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro. **Corpos diferenciados**: a criação da performance “Kahlo em mim eu e(m) Kahlo”. Maceió: EDUFAL, 2013.



DIFFERENTIATED BODIES AND THE ESTABLISHMENT OF ACCESSIBILITY IN SCENE

ABSTRACT

The article aims to discuss the process of establishing accessibility in different contexts. In the scenic context, the article discusses the presence of Brazilian artists with differentiated bodies in scene and how they denounce through art the process of exclusion both in society and in art.

Keywords: Differentiated bodies; Accessibility; Scene.

CUERPOS DIFERENCIADOS Y EL ESTABLECIMIENTO DE LA ACCESIBILIDAD EN LA ESCENA

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo discutir el proceso de establecimiento de la accesibilidad en diferentes contextos. En el contexto escénico, el artículo discute la presencia de artistas brasileños con cuerpos diferenciados en la escena y cómo denuncian a través del arte el proceso de exclusión tanto en la sociedad como en el arte.

Palabras clave: Cuerpos diferenciados; Accesibilidad; Escena.